

Um percurso pela Semântica Argumentativa: desenvolvimentos, fronteiras e diálogos

A journey through Argumentative Semantics: developments, borders and dialogues

DOI 10.20396/lil.v26i51.8673535

Carolina de Paula Machado¹
Doutora em Linguística/UFSCar

Resumo

A Semântica Argumentativa é um legado para a Semântica e está em constante desenvolvimento por linguistas de diversas partes do mundo que se dedicam a ela. A obra Curso de Semântica Argumentativa nos oferece um panorama deste processo ao reunir aulas primorosas sobre a teoria e a partir dela. Esta resenha busca dar uma ideia do que há de central em cada uma das aulas que compõe o Curso, de modo a dar ao leitor uma visão geral e ao mesmo tempo pontual do que é discutido permitindo-lhe, assim, que possa fazer um itinerário de leitura de seu interesse.

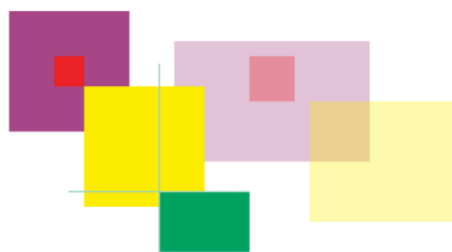
Palavras-chave: Semântica Argumentativa, Teoria dos Blocos Semânticos, Significado, Sentido.

Abstract

Argumentative Semantics is a legacy for Semantics and is constantly being developed by linguists from different parts of the world who dedicate themselves to it. The work Curso de Semântica Argumentativa offers us an overview of this process by bringing together exquisite lessons about the theory and based on it. This review seeks to give an idea of what is central to each of the classes that make up the Course, in order to give the reader a general and, at the same time, punctual view of what is discussed, thus allowing him to make an itinerary reading of your interest.

Keywords: Argumentative Semantics, Theory of Semantic Blocks, Meaning, Sense

¹ É professora do Curso de Letras, do Bacharelado em Linguística e do programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL) do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). É coordenadora da Unidade de Estudos Históricos, Políticos e Sociais da Linguagem (UHEPOSOL).



O livro “Curso de Semântica Argumentativa”, organizado por Louise Behe, Marion Carel, Corentin Denuc e Julio Cesar Machado reúne um conjunto impecável de trinta e duas aulas que vão desde abordagens mais gerais de caráter introdutório de conceitos de base da Semântica Argumentativa até o tratamento mais atual na Teoria dos Blocos Semânticos. Mas isto não é tudo. Ainda encontramos aulas que fazem um percurso teórico singular com bases teóricas diversas que se cruzam com a Semântica Argumentativa. Tratam-se, portanto, de aulas de autoria de diversos linguistas, dentre os quais, brasileiros e estrangeiros, especialistas em Semântica Argumentativa (e até mesmo alguns de seus próprios fundadores) e ou que trabalham com outras perspectivas linguísticas e que estabelecem um importante diálogo teórico multifacetado, proporcionando-nos um rico panorama da teoria, além de mostrarem o quão profícuo é este campo pelas inúmeras influências que exerceu e ainda exerce.

A obra é prefaciada por Marion Carel (*École des Hautes Études en Sciences Sociales/EHESS*, França) que descreve a importância de três momentos teóricos cruciais, quais sejam, a “descoberta dos operadores argumentativos”, a definição do ato argumentativo para tratar dos *topoi* e a passagem da gradualidade, independente dos *topoi*, para o conceito de blocos semânticos. Estas noções podem ser consideradas como representativas das três fases fundamentais do desenvolvimento da teoria da argumentação na língua (ANL)²: a primeira fase ou teoria *standard*, a fase dos *topoi* argumentativos e a fase dos blocos semânticos. Mas Carel não faz isso sem um propósito: ela nos mostra o desenvolvimento da teoria na medida em que seus fundadores, Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, se deparavam com as limitações dos conceitos que foram sendo elaborados, até a fase dos Blocos Semânticos, desenvolvida por ela, Marion Carel, com a colaboração de Oswald Ducrot.

A primeira aula intitulada “Horizontes da Significação” nos é dada por Luiz Francisco Dias, professor da Universidade Federal de Minas Gerais. Nela, Dias vai tratar do *significado* em diversos “ângulos” teóricos, no que poder-se-ia considerar como as matrizes da semântica moderna. Ele transita pelas principais e clássicas discussões realizadas tanto pelos filósofos

² Em francês, *Théorie de l'argumentation dans la langue (TAL)*.

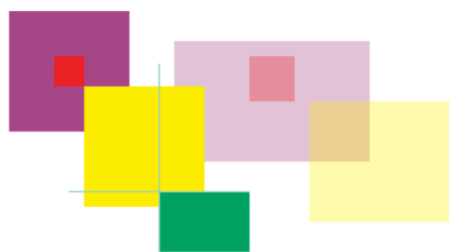


gregos, quanto pela lógica, pelas “ações situadas” no campo da pragmática, pelo campo da semântica cognitiva e, por fim, pela enunciação, sem deixar, é claro, de falar da semântica argumentativa, iniciando o grande tema que será abordado ao longo da obra. O artigo, bastante elucidativo, propicia ao leitor, de forma didática, uma ideia precisa sobre os pontos centrais das discussões clássicas em torno do significado (e da representação, da referência, do sentido etc.).

Na aula seguinte, que inicia uma sequência de cinco aulas³, ninguém menos que o prof. Oswald Ducrot (*École des Hautes Études en Sciences Sociales/EHESS*, França) delimita alguns conceitos frequentemente empregados por ele e por Marion Carel para que possíveis ambiguidades sejam desfeitas. Separa *expressão tipo* de *expressão ocorrência*; *contexto*, *co-texto* e *um contexto constituído por acontecimentos*. Para a expressão *semantismo* ou *valor semântico*, ele realiza a distinção entre o *significado* e o *sentido*. Por fim, busca esclarecer o que é *sentido literal* considerando justamente a separação que faz em *expressão tipo* e *expressão ocorrência*.

Na segunda aula, o prof. Ducrot continua seu propósito de definir e distinguir conceitos. Desta vez, ele vai tratar, principalmente, da *significação* e do *sentido*. Para tanto, ele toma a noção de *referência* para tratar destes dois conceitos e discute três visões: a concepção ordinária ou senso comum, a concepção de Émile Benveniste e a da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). Faz-se importante destacar que Ducrot ressalta que a TBS, proposta por Carel e desenvolvida por ambos, é a única das três posições em que tanto o *sentido* quanto o *significado* não têm relação com o aspecto referencial, uma questão primordial para Semântica Argumentativa. Assim, a frase tem um valor semiótico (não referencial) que é constituído por um conjunto de ‘aspectos’ em complemento com os ‘encadeamentos argumentativos’. Do mesmo modo, os enunciados possuem um valor semântico que não é referencial. Ducrot e Carel, ao desenvolverem os conceitos no interior da TBS, fazem jus à fama desta fase de radicalizar os conceitos da Teoria da Argumentação na Língua, seguindo coerentes com a tese inicial e central de que a argumentação (e, portanto, a significação) está na língua, na relação entre seus elementos, e, assim, seguem fiéis à filiação saussuriana.

³ Esta primeira aula de O. Ducrot aconteceu na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS) de Paris, em 15 de novembro de 2013. A sequência de cinco aulas do Professor Ducrot foi transcrita por Diego Brousset. A primeira foi traduzida pelo prof. Carlos Vogt e as demais pelo prof. Julio Cesar Machado.



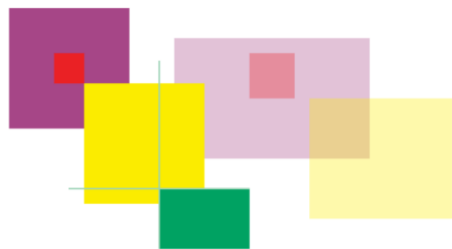
Na quarta aula intitulada “Análise da palavra “porta”, Ducrot problematiza o sentido desta palavra concreta e propõe uma descrição referencial a partir da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) através dos pares de aspectos: SEPARAÇÃO PT COMUNICAÇÃO⁴ e COMUNICAÇÃO PT SEPARAÇÃO. Mas o linguista reconhece a possível dificuldade em descrever palavras que não são funcionais, como “mar”, por exemplo.

Na aula V, intitulada “Como classificar os discursos?”, Ducrot diverge da classificação feita por Benveniste de dois tipos de discursos: o chamado “discurso” e a chamada “história”. No primeiro, tem-se por intenção “influenciar o destinatário”, enquanto a “história” não teria este objetivo. Para Benveniste, os verbos no imperativo levariam o destinatário a uma ação e o “discurso” apresenta marcas que fazem alusão à enunciação como o pronome “eu”, por exemplo. Já para Ducrot, a ordem (imperativo) intencionaria a obediência ou a desobediência e há vezes em que é possível que a marca de primeira pessoa não faça alusão à enunciação, caracterizando-se, assim, como “história”.

Na última aula desta sequência magistral que encerra a primeira parte da obra, Ducrot vai tratar da derivação delocutiva, descrita por Benveniste em um artigo intitulado “Os verbos delocutivos”. Ele nos explica o conceito tratando-o como um tipo de derivação lexical que pode ser observado também em palavras que não são verbos e em expressões. Mas o que é central no artigo é que a delocutividade tratada por Benveniste seria um fato linguístico que diz respeito ao acréscimo de propriedades referenciais à língua, enquanto, para Ducrot, sendo a língua não referencial, a significação seria então somente argumentativa, descrita pela TBS pelos aspectos argumentativos, e, assim, a delocutividade não teria lugar.

A segunda parte do livro dá início a um conjunto de aulas voltado para a complexa Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), iniciada com a aula VII intitulada “Os conceitos de aspecto (normativo e transgressivo) e de argumentação (interna e externa)”. Quem dá início ao tema de forma bastante didática são Lauro Gomes (Universidade Federal de Passo Fundo/Instituto Federal do Rio Grande do Sul) e Cristiane D. C. Lebler (Universidade Federal de Santa Catarina). Eles preocupam-se em fazer uma exposição para aqueles que querem iniciar seus estudos dessa fase da teoria e, assim, de forma descomplicada, expõem os

⁴ Na TBS a conjunção “pourtant”, abreviada em PT, representa a relação de transgressão. Assim, leia-se PT como “no entanto”, expressão pela qual se poderia traduzir “pourtant” em português. Já a conjunção “donc” (então), abreviada em DC, vai representar, na teoria, as relações normativas.



principais conceitos: o encadeamento argumentativo, o aspecto argumentativo e a argumentação interna e externa. Por fim, não se restringindo apenas à parte mais teórica, presenteiam-nos com uma breve análise bastante elucidativa do poema “O Bicho” de Manuel Bandeira, o que nos revela como os conceitos da TBS podem ser profícuos na análise de um texto.

Cláudio Primo Delanoy (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), na aula VIII “As relações entre aspectos argumentativos: os conceitos de conversão, reciprocidade e transposição”, em relação à aula anterior, traz um aprofundamento da TBS ao detalhar, também de forma bastante didática, os conceitos de Bloco Semântico e de aspectos argumentativos. Do mesmo modo, ele traz exemplos e os descreve utilizando o conceito de bloco, uma operacionalização do conceito que é o destaque de sua aula. Com sua explicação clara, ele nos faz compreender pela análise de duas fábulas de Esopo que os aspectos argumentativos dos blocos semânticos “descrevem um debate entre posições divergentes” sobre um mesmo assunto.

Em seguida, Giorgio Christopulos (*École des Hautes Études en Sciences Sociales/EHESS*, França) apresenta-nos duas aulas intituladas “A estrutura do texto e os elementos da coesão textual” (aula IX) e “Os conceitos de empregos constitutivos, empregos caracterizantes, empregos singularizantes e a noção de decalagem” (aula X). Nelas, ele estabelece uma relação ainda pouco explorada, mas muito pertinente, entre os conceitos da Teoria dos Blocos Semânticos e a estrutura dos textos, especificamente o conceito de coesão. Para o autor, a estruturação dos textos se dá pela significação das palavras e não só delas, mas dos “períodos argumentativos” também, que são objetos de preocupação da TBS. Segundo o autor, os períodos argumentativos têm um importante papel de agrupamento das frases possibilitando que partes distintas de um texto possam ser reunidas. Ele ainda considera que os textos são organizados por articularem “complexos argumentativos” que agrupam frases com um mesmo encadeamento argumentativo e que podem ser representadas pelo significado de um mesmo termo. Assim, segundo ele, as noções de período e complexo argumentativos por suscitarem no texto os encadeamentos argumentativos possibilitam a unidade textual.

As duas aulas seguintes vão problematizar os blocos semânticos. Na aula XI, Marion Carel explica-nos, em um texto objetivo e com vários exemplos, a noção de “quase-blocos”, uma reformulação teórica que, juntamente com a noção de aspecto, substitui a oposição entre



argumentação interna e externa feita na fase *standard* da Teoria dos Blocos Semânticos. Com esta noção, a linguista busca descrever o problema da variação do sentido, isto é, do valor semântico no emprego dos termos.

Já Kohei Kida (Universit  Keio, Japão), na aula XII intitulada “O paradoxo”, pelo estudo deste problema na TBS, faz uma interessante proposta de um novo bloco semântico com oito aspectos, incorporando aos aspectos a característica de serem doxais ou paradoxais, identificando ainda a possibilidade de gradualidade para os aspectos.

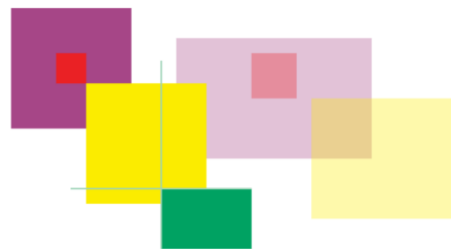
Na terceira parte do livro, as duas aulas que a compõem v o revisar a pressuposi o, um conceito clássico da semântica linguística, com o qual Ducrot trata justamente do *não dito* como parte do significado literal do que   *dito*. A aula XIII, de autoria de Ana Lúcia Tinoco Cabral (Universidade de São Paulo/ Pont ficia Universidade Católica de São Paulo/Instituto de pesquisa), traz um percurso da reflexão desenvolvida por Ducrot sobre os implícitos, a pressuposi o e o subentendido. A linguista traz exemplos além detalhar os “apoios linguísticos” para a identifica o do pressuposto. Já Marion Carel, na aula seguinte (XIV), traz a pressuposi o descrevendo-a através da teoria da TBS. Isto permite que ela distinga diversos tipos de pressupostos, dentre os quais o pressuposto argumentativo que forma, em um encadeamento argumentativo, um cont do único juntamente com o *posto*. Para a ela, os pressupostos “completam semanticamente as proposi es postas” (p. 173).

Além da pressuposi o, não poderia faltar outro importante tema sobre o qual muitos estudiosos da Argumenta o na Língua se debruçaram: o operador argumentativo *mas*, ao qual a parte IV será dedicada com duas aulas. Na aula XV, Maria Helena de Moura Neves (Universidade Presbiteriana Mackenzie/Universidade Estadual Paulista), analisando atentamente alguns artigos de O. Ducrot *et alii* do final dos anos 70 e início dos anos 80 do século XX, faz uma leitura da conjun o *mas* e seu valor argumentativo. A linguista busca traçar algumas rela es entre a reflexão semântica Ducrotiana que, por vezes, remetia   “língua em uso” (pragmática) e a teoria da gramática funcionalista e cognitiva, destacando a sua importância para o estudo do texto. Na aula seguinte, Julio Cesar Machado (Universidade do Estado de Minas Gerais) apresenta um interessante olhar discursivo para a descri o argumentativa do *mas* nos primeiros estudos em semântica argumentativa sobre este operador e, em seguida, lança luz sobre o modo como, mais recentemente, a teoria dos blocos semânticos descreve o funcionamento deste mesmo operador.



A seguir, as aulas da parte V vão se dedicar à questão da gradualidade na teoria argumentativa. María Marta García Negroni (Universidad de San Andrés/ Universidad de Buenos Aires) traz uma contribuição significativa à teoria ao definir um novo tipo de modificador, o modificador sobrerrealizante, a partir da reflexão que faz sobre os modificadores fase da teoria da teoria dos *topoi*. Em seguida, descreve como a questão da gradualidade é tratada na teoria dos blocos semânticos, aproximando os modificadores sobrerrealizantes ao conceito de internalizadores normativos da TBS. Na aula XVIII, Tânia Maris de Azevedo (Universidade de Caxias do Sul) sintetiza o modo como os conceitos das diferentes fases da teoria da argumentação na língua abordam a questão da gradualidade. Por fim, para Louise Behe (*École des Hautes Études em Sciences Sociales/EHESS*), na aula XIX, se nos dois primeiros momentos da TAL a gradualidade foi ganhando importância, quando a argumentação passa a ser tratada pela Teoria dos Blocos Semânticos, ela deixa de ser “uma fonte de argumentatividade”, embora ainda possa ser analisada. Segundo ela, o operador não modifica o grau de um conceito, mas muda-lhe o sentido.

A parte VI é dedicada à relação da argumentação com a enunciação. Marta Tordesillas (*Universidad Autónoma de Madrid*), na aula XX, realiza um percurso abrangente sobre os conceitos de *dictum* e *modus* que tocam no problema da objetividade/subjetividade nos estudos sobre a linguagem. O problema que perpassa sua reflexão diz respeito ao modo como a subjetividade passa a ser abordada por diversos linguistas ao longo do século XX, destacando a importância do conceito de polifonia trazido por O. Ducrot para pensar a relação do sujeito com a língua nos enunciados e na argumentação. As aulas seguintes vão discorrer mais especificamente sobre a polifonia na enunciação, tema de grande importância pois Ducrot, com sua teoria polifônica da enunciação, revela os diversos pontos de vista no interior dos enunciados. Patrick Dendale (Universiteit Antwerpen/Bélgica) e Danille Coltier (Université du Maine/França), na aula XXI, fazem um percurso detalhado para explicar os conceitos da Teoria Polifônica e, em seguida, María Marta García Negroni, na Aula XXII, também faz um percurso sobre os conceitos, porém destacando a questão da atitude do Locutor em relação com os enunciadores. Ambos os artigos falam da supressão do conceito de enunciador e sua substituição pelo conceito de ponto de vista nos estudos escandinavos. Esta parte é encerrada pela aula XXIII de Marion Carel, que expõe a Teoria Argumentativa da Polifonia (TAP), uma versão da teoria polifônica de Ducrot. Ela destaca o fato desta teoria ser argumentativa e se alinhar à Teoria dos Blocos Semânticos. Segundo a autora, a TAP volta-se mais ao



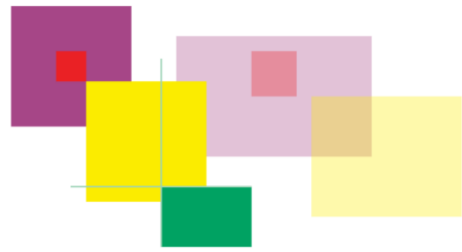
engajamento do locutor através do conceito de modo enunciativo que substitui as vozes ou pontos de vistas da versão anterior da teoria.

A sétima parte do livro é iniciada com uma aula do professor Carlos Vogt (Universidade Estadual de Campinas). Na aula XXIV intitulada *Linguagem gestual e gestualidade da linguagem*, o professor realiza uma fina e instigante reflexão sobre a gestualidade da linguagem verbal em termos semânticos. Para ele, o enunciado não diz apenas sobre algo, mas também *mostra, indica* ou *implica* algo de si mesmo, em sua forma. São dois modos de significar relacionados ao contexto pragmático, isto é, a enunciação se dá em relação ao outro que, para Vogt, é uma máscara, uma representação, constituída pela intenção (não psicológica) do locutor. É nesse sentido que ele fala de um tipo de estruturalismo do discurso, de uma “macrossintaxe” da língua. Assim, a língua é gestual no sentido de fornecer “as condições linguísticas da identidade social dos interlocutores(...)” (p. 384). Com a gestualidade semântica, ele busca explicar a sobrevivência da língua africana ainda falada na comunidade negra chamada “Cafundó”, considerando que falar a língua faz com que essas pessoas se reconheçam como africanos e que sejam assim reconhecidos também pela sociedade branca.

Na aula XXV, Neiva M. Tebaldi Gomes (Centro Universitário Ritter dos Reis) traz sua contribuição para o ensino, fazendo uma produtiva reflexão sobre alguns aspectos da semântica argumentativa e a possibilidade de utilizar essa teoria para o aprendizado da leitura. A autora considera a importância de o professor ter uma formação linguística e, mais especificamente, de uma teoria semântica, o que seria de grande importância para o sucesso no processo do ensino da leitura.

A relação entre o conceito de *programa* e a semântica argumentativa é abordada no texto de Zoé Camus (*Université de Toulon*) e Alfredo M. Lescano (*École des Hautes Études em Sciences Sociales*) através da concepção de espaço semântico. Os autores analisam, dentre outras situações, a situação política de um conflito sobre a realocação de um aeroporto francês explicitando, com isto, a relação entre a enunciação de um discurso de um programa e o desenrolar de certos atos.

Para finalizar esta parte repleta de reflexões possibilitadas a partir da Semântica Argumentativa e que vão além dela, temos a aula de Corentin Denuc (*École des Hautes Études em Sciences Sociales*) que expõe a teoria da ação que está sendo lapidada por Marion



Carel e Dinah Ribard. Tal teoria extrapola os limites da Semântica Argumentativa e revê o que é postulado pelas abordagens que se inserem na teoria dos Atos de fala. De acordo com Denuc, nesta nova proposta, no lugar de considerar que um enunciado descreve “aquilo que se faz ao empregá-lo”, o que se tem é que o ator “manifesta realizar uma ação empregando essas palavras” *se atribuindo*, deste modo, um discurso.

Finalmente chegamos à última parte do livro intitulada: “Limites teóricos: relações possíveis entre outros autores e a semântica argumentativa” que abre um caminho de possibilidades de diálogos com outros autores e teorias.

Leci Borges Barbisan (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) ofereceu-nos uma aula elucidativa sobre “A presença de Saussure na Teoria da Argumentação na Língua”, mostrando-nos, inicialmente, um Ducrot leitor de filosofia, principalmente de Platão, e como ele vê as relações entre os conceitos saussurianos e a filosofia platônica. Depois, Barbisan traça as relações entre os conceitos de valor e de relação de Saussure e os conceitos ducrotianos de valor argumentativo e de bloco semântico.

Júlio César Machado (Universidade do Estado de Minas Gerais) e Jocenilson Ribeiro (Universidade Federal de Sergipe) abrem horizontes ao percorrerem vestígios de uma relação teórica, ainda que em bases epistemológicas distintas como nos lembram os autores, entre M. Foucault e O. Ducrot. Para tanto, eles seguem a trilha do conceito de enunciado (*énoncé*) mas vislumbram também aproximações entre outros conceitos tais como, por exemplo, arquivo e conhecimento anterior, formação discursiva e argumentação contextual etc. É uma aula que além de nos levar a revisitar conceitos fundamentais de ambos os autores, nos convida a refletir sobre suas possíveis relações.

E não poderia faltar um olhar para a relação entre É. Benveniste e a Semântica Argumentativa que nos é dado, desta vez, por Carmem Luci da Costa Silva (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). O que seu percurso tem de específico é que fica evidenciada a preocupação com a enunciação em ambos os lugares teóricos com as especificidades de cada olhar e as aproximações e distanciamentos em relação a teoria saussuriana, destacando-se a visada sobre a noção de valor.

Na aula XXXI, Maria Marta García Negroni explica-nos a relação entre a Semântica Argumentativa e os atos de linguagem. Ela situa a visão de O. Ducrot sobre os atos de fala em relação à proposta de J. L. Austin e a abordagem posterior da teoria proposta por J. Searle.



Segundo a linguista, Ducrot situa os atos ilocucionários na sua visão enunciativa do sentido do enunciado, isto é, a realização do ato só se define quando o “sentido do enunciado qualifica sua enunciação” (p. 500).

E, para finalizar o curso de argumentação, chegamos à aula XXXII em que Samuel Ponsoni (Universidade do Estado de Minas Gerais) trata das aproximações e distanciamentos entre a Semântica Argumentativa e a teoria discursiva de D. Maingueneau. Para tanto, ele vislumbra o conceito de *ethos* aristotélico como sendo o ponto de partida comum para a figura do Locutor (L) da teoria polifônica da enunciação de O. Ducrot e para o conceito de *ethos* em Maingueneau. Ele pontua que as visões dos dois autores sobre o sujeito distanciam-se pela abordagem sócio-histórica e institucional que marca a concepção de *ethos* discursivo.

O mérito da obra não se dá apenas pelo seu caráter internacional por congregar linguistas de diversas instituições renomadas de diversos países e de várias regiões do Brasil. Mas se dá também por proporcionar aos leitores uma ideia de quão ampla e profícua é a influência da Semântica Argumentativa em diversas partes do mundo, considerando-se, ainda, que há muitos outros estudiosos de diversas instituições que trabalham diretamente com a teoria ou que partiram dela para o desenvolvimento de outras teorias.

Além desta prerrogativa, o leitor irá se deparar com um conjunto de aulas voltado tanto para os estudiosos mais avançados na teoria quanto para iniciantes, conjunto marcado pela excelência das aulas e pelo amplo espectro que elas abrangem, proporcionando uma visão bastante precisa dos diversos aspectos da Semântica Argumentativa em suas diferentes fases, das possíveis relações que diversos linguistas fazem com outras teorias, além da revisitação de conceitos que nos levam a conhecer as origens dos conceitos ampliando assim nossos horizontes.

Referências bibliográficas

BEHE, L.; CAREL, M.; DENUC, C.; MACHADO, J. C. **Curso de Semântica Argumentativa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 516p.

Data de submissão: 22/05/2023

Data de aceite: 06/06/2023